

O estilo do autor em *Viva o povo brasileiro* e do autotradutor em *An invincible memory*

Diva Cardoso de Camargo

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

MOTTA, SV., and BUSATO, S., orgs. *Fragmentos do contemporâneo: leituras* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 172 p. ISBN 978-85-7983-005-1. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

7

O ESTILO DO AUTOR EM *VIVA O POVO BRASILEIRO* E DO AUTOTRADUTOR EM *AN INVINCIBLE MEMORY*

*Diva Cardoso de Camargo**

Introdução

Ainda hoje a conceituação do termo “estilo” não obteve um consenso geral por parte das disciplinas da crítica literária e da estilística. O mesmo também ocorre quanto ao emprego de concepções de estilo para a tradução, porquanto as várias tentativas têm abordado as escolhas “boas” ou “más” feitas por determinados tradutores ou, mais frequentemente, têm prescrito regras para a seleção de estratégias tradutórias específicas a partir de tipos de texto ou registro. Esse fato reflete que, tanto nos estudos literários como nos estudos linguísticos, a noção de estilo está tradicionalmente associada quer a um dado escritor ou orador (exemplo: o estilo de Steinbeck, de Guimarães Rosa, de João Ubaldo Ribeiro; de Winston Churchill, de Joaquim Nabuco, de Rui Barbosa), quer a características estilísticas específicas de textos produzidos num dado período literário (exemplo: barroco, romantismo, modernismo), quer a características linguísticas associadas a textos produzidos por grupos específicos

* Doutora em Estudos da Tradução pela Universidade de São Paulo (USP) e pós-doutora pela Universidade de Manchester. Professor- adjunto da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp).

de usuários da língua e num contexto institucional específico (exemplo: o estilo de editoriais, patentes, sermões). Em decorrência, os estudos da tradução herdaram dos estudos literários a valorização do original e a preocupação com o estilo do autor, sua individualidade e criatividade, mas somente para descrever como as características estilísticas do escritor poderiam elucidar o processo de tradução da sua obra. Subjacente a tais associações com a escrita original, caberia ao tradutor a [impossível] incumbência de não ter estilo próprio, e simplesmente reproduzir, da maneira a mais impessoal, o estilo do autor. Da linguística foram passados para os estudos da tradução o interesse pela observação do estilo de grupos sociais de usuários da língua, a fim de analisar como os registros linguísticos (exemplo: discurso jurídico, “jargão” médico, linguagem literária) ou como as características de tipos de texto diversos (exemplo: textos técnicos, jornalísticos, literários) podem trazer informações para o ato tradutório. Tais estudos visam, em sua maioria, oferecer um ponto de partida para identificar características distintivas do texto original (TO)¹, a fim de reproduzi-las na tradução ou observar desvios da norma por parte do tradutor.

Até recentemente, pouco se havia investigado sobre o estilo de determinado tradutor, ou grupo de tradutores, ou *corpus* de material traduzido que pertença a certo período literário ou a uma dada tipologia textual. Somente nas últimas décadas a presença do tradutor no texto ou, mais especificamente, de traços individuais que essa presença deixa no texto começou a receber certa atenção da literatura sobre tradução. Contudo, o enfoque tem-se ainda restringido: a) ou para a avaliação da qualidade das traduções; b) ou para a descri-

1. Independentemente das abordagens teóricas, emprego, neste estudo, a denominação de “texto traduzido” (TT) como sinônimo de “texto meta” (TM) ou “texto alvo” (TA); da mesma forma, a designação de “texto originalmente escrito numa dada língua” ou “texto original” (TO) corresponde a “texto de partida” (TP) ou “texto fonte” (TF). Analogamente, uso “língua de chegada” (LC) como correspondente a “língua meta” (LM) ou “língua alvo” (LA); e “língua de partida” (LP) como “língua fonte” (LF).

ção de tendências gerais do texto traduzido (TT) em relação ao TO, mas ignorando as idiossincrasias do tradutor; c) ou para a descrição da intervenção do tradutor apenas no tocante a acréscimos de material paratextual ou glossários. Entre os modelos mais conhecidos, tem-se o de House (1977/1981, 1997) que descreve o texto fonte (TF) quanto a peculiaridades linguísticas (dimensão do usuário da língua) e peculiaridades situacionais (dimensão dos usos da língua), comparando o TF e o texto meta (TM) quanto a aproximações relativas entre ambos. Todavia, consoante a afirmação de Baker (2000, p.242) esse modelo não fornece um tratamento sistemático da noção de estilo, porquanto o que permite descrever não seria tanto o estilo do TF ou do autor, e também não seria o estilo da tradução ou do tradutor, mas os pontos onde os dois textos divergem ao longo apenas das duas dimensões mencionadas.

Nos últimos anos, alguns teóricos da tradução têm enfatizado a presença do tradutor; no entanto, não apresentam nenhuma demonstração dos traços efetivamente deixados nos TT. Venuti (1995, 1998) recrimina a transparência como efeito ilusionístico da presença do autor que seria [supostamente] alcançada pelas estratégias da tradução “domesticadora” e advoga a visibilidade do tradutor por meio de estratégias de resistência da tradução “estrangeirizadora”, mas sem explicitar quais seriam as marcas de uma “fidelidade abusiva”. De modo análogo, Hermans (1996) claramente reconhece a voz do tradutor; porém, focaliza especialmente a “voz do outro” no que tange ao emprego autorreferencial de primeira pessoa nas notas do tradutor.

No que concerne à sua presença e à noção de estilo, poderíamos incluir a escolha da parte de cada tradutor de material a ser traduzido, a utilização consistente de estratégias tradutórias e, sobretudo, o modo de expressão que é típico de um dado tradutor (mais do que simplesmente instâncias de intervenção aberta de material extratextual). Nesse sentido, os estudos da tradução baseados em *corpus* têm trazido importantes contribuições para a teoria e prática tradutórias ao procurar descrever o que o tradutor realmente faz com a língua de chegada (LC).

No que tange a investigações sobre a autotradução e o autotradutor, também tais estudos ficaram à margem tanto das principais correntes teóricas da tradução quanto da literatura comparada e da história literária. No entanto, a tradição de textos autotraduzidos ou bilíngues mostra ser uma prática comum no mundo medieval multilíngue e no início do período moderno na Europa, frequentemente envolvendo as direções latim e línguas vernaculares. Segundo Hokenson & Munson (2007), enquanto persistia entre as elites culturais, a realização de autotraduções diminuiu durante a consolidação dos Estados-nação na longa era do monolinguismo nacionalista, tendo ressurgido somente na era pós-colonial. Por sua vez, estudos baseados em *corpus* permitem uma observação das continuidades e dissimilaridades, abarcando dimensões literárias, linguísticas e culturais entre ambas as versões (Camargo, 2005, 2007).

Em termos de relevância para a crítica literária, a obra original, selecionada para análise, recebeu o “Prêmio Jabuti” e o “Golfinho de Ouro” na categoria de melhor “Romance”. João Ubaldo Ribeiro faz “uma experimentação de estilos e vozes narrativas que marca todo o desenvolvimento do tempo e da ação ficcional neste tipo de *mock-heroic epic* que é *Viva o Povo Brasileiro*” (VPB) (Costa, 1996, p.185). A obra aborda o problema da decantada procura de uma identidade nacional, e revisita o Brasil em três épocas: o século XVII com a colonização, o século XIX com o mito das narrativas de fundação, e o século XX com as ditaduras. No romance, destaca-se a forte presença da cultura popular, com manifestações das religiões afro-brasileiras, festas, costumes, lendas, bem como expressões populares variadas, fragmentos de “língua de preto” (Pasta Jr., 2002). A respeito da sua escrita, João Ubaldo (1979, contracapa) comenta:

Procuo, basicamente, fazer uma literatura vinculada às minhas raízes, independente, não colonizada, comprometida com a afirmação da identidade brasileira. Procuo explorar a língua brasileira, o verbo brasileiro e, através dele, contribuir para o aguçamento da consciência de nós mesmos, brasileiros. Sou contra as belas letras, a contrafacção, o

elitismo. Acho que o principal problema do escritor brasileiro é a busca da nossa linguagem, do nosso fabulário, dos nossos valores próprios.

No tocante a *An invincible memory (IM)*, Costa (1996, p.183-4) investigou o caso desse “tradutor de si mesmo” e comenta que João Ubaldo Ribeiro:

levou mais tempo para traduzir do que escrever *Viva o Povo Brasileiro*, não fazendo segredo de que não tem gosto especial pela tradução, nem deseja voltar a traduzir suas próprias obras. [...] Pode-se imaginar a sensação de perda do autor, em sua condição de tradutor de seu próprio texto, ao sentir-se impossibilitado de expressar na língua 2 a pujança, o frescor e a vitalidade da concepção original.

Também enfatiza Costa (1996, p.187) que, “a despeito de seu extraordinário talento para línguas estrangeiras”, João Ubaldo Ribeiro é um escritor brasileiro, e sua obra traduzida *An invincible memory* “é o produto da ação consciente de um tradutor”. A esse respeito, Costa comenta que João Ubaldo Ribeiro não fica

preso em sua tradução a uma literalidade medrosa e estéril; por outro lado, parece dominado pela anterioridade de seu próprio texto e, em consequência, como todo tradutor, vai trabalhar de fora para dentro, vale dizer, a partir do texto acabado de sua própria língua 1, ao invés de dentro para fora, como todo criador. [...] Dividido entre os impulsos ancestrais da criação do original e os ditames da tradução como re-escritura, a qual, mandatária por natureza, há de sempre exigir alguma forma de fidelidade aos significantes originais [...] (ibidem, p.185)

Com base no exposto, justifica-se tanto a escolha do TT para análise no presente trabalho como a sua importância para os estudos de tradução, em virtude de tratar-se de um trabalho literário engenhoso, realizado por um tradutor-autor com invejável domínio do par linguístico envolvido.

Perspectiva teórica

Dado que o conceito de estilo tem-se mostrado ainda de difícil definição, esta investigação sobre o estudo do estilo do autotradutor optou por fundamentar-se na noção fornecida por Baker (2000, p.245-6), que entende:

estilo como uma espécie de impressão digital que fica expressa [no TT] por uma variedade de características [...] as quais estão provavelmente mais no domínio do que algumas vezes é chamado de “estilística forense” que no da estilística literária (LEECH e SHORT, 1981: 14). Tradicionalmente, a estilística literária focaliza o que se assume serem escolhas lingüísticas conscientes da parte do autor, porque os estilistas literários estão principalmente interessados na relação entre as características lingüísticas e a função artística, em como um dado autor obtém certos efeitos artísticos. Por outro lado, a estilística forense tende a focalizar hábitos lingüísticos razoavelmente sutis e moderados que estão bem acima do controle consciente do autor e que nós, como receptores, registramos, na maioria das vezes, de forma subliminar. Todavia, como ambos os ramos da estilística, estou interessada em padrões de escolha (quer essas escolhas sejam conscientes ou subconscientes) mais do que em escolhas individuais isoladas.

Com o propósito de observar padrões estilísticos do autotradutor em pauta, o termo “estilo” é empregado no âmbito deste estudo como o perfil de suas escolhas individuais, recorrentes, preferenciais e distintivas. Dentre as diferentes concepções de estilo oferecidas pela literatura e pela linguística, adoto, com base em Baker (2000), essa noção de estilo, focalizada em padrões de variação empregados pelo tradutor em relação ao estilo do autor, por mostrar-se a mais adequada às necessidades do presente trabalho.

Com referência à observação de padrões estilísticos presentes no TO e no TT, a utilização de corpora eletrônicos paralelos ou comparáveis possibilita maior amplitude para a realização de estudos sobre a natureza da tradução. Investigações realizadas no Centre for Translation and Intercultural Studies - CTIS têm detectado certas

características recorrentes (Baker, 1996, p.180-4) que se apresentam tipicamente na tradução. Um dos traços que mais especificamente se relacionam com essa análise é a normalização (ibidem), que pode ser identificada como uma tendência para adequar-se aos padrões típicos da língua meta (LM) e para exagerar suas características. Pode ser observada na mudança de pontuação, no uso de clichês e em estruturas convencionais nos TT. Frases longas e elaboradas, bem como elementos redundantes, utilizados nos TO, são substituídos por frases menores, e as redundâncias são, muitas vezes, omitidas. Também as sentenças não terminadas nos TO são frequentemente completadas nos TT. Outrossim, o ritmo da LM torna-se, em geral, mais fluente, uma vez que aspectos incomuns de pontuação existentes na língua fonte (LF) são padronizados, de modo a adaptarem-se a aspectos mais comuns da LM. Kenny (2001, p.66) compartilha a visão de Baker ao apontar que os tradutores optam por soluções mais convencionais relacionadas a certos efeitos artísticos não usuais presentes nas obras originais. Também Berber Sardinha (2002, p.18) comenta que, na normalização, há uma minimização dos aspectos criativos ou menos comuns da LF. O exame de escolhas na LF e a comparação com opções dos tradutores na LM podem revelar aspectos de normalização se indicarem, por exemplo, que as escolhas mais criativas no TO foram traduzidas por outras menos marcadas no TT (ibidem). Essa tendência, de acordo com Baker (1996, p.183), seria possivelmente influenciada pelo *status* da LF e da LM, dado que, quanto mais alto for o status da LF, menor seria a tendência à normalização.

Resultados e discussão

Para a análise do perfil estilístico do autotradutor em questão, serão identificadas escolhas típicas e individuais referentes a traços relacionados à normalização e a soluções adotadas para a tradução na língua inglesa, efetuando comparações na obra traduzida em relação à respectiva obra original e ao estilo do autor.

Essa característica da linguagem da tradução mostra uma tendência tanto para facilitar a assimilação do conteúdo do TO para o leitor da LM como para evitar riscos de a obra poder ser rejeitada pelo público-alvo diante das dificuldades de compreensão do TT.

Também, traços de normalização podem ser observados em decorrência de pressão de editoras em querer traduções com uma linguagem padrão, sem regionalismos e diferenças linguísticas para que a obra traduzida possa ser comercializada em vários países ou comunidades da mesma língua de chegada (Pavan Ribeiro, 2006).

Conforme Scott (1998, p.138-97), há várias características principais identificadoras do padrão de normalização nos TT. Para este trabalho, procuramos observar aspectos referentes à mudança no título da obra traduzida, e ao comprimento de sentença do TT em relação ao TO, decorrentes de dois fatores: alterações na pontuação e explicitação de elipses. Também examinamos ocorrências de omissões, e mudança de registro na fala coloquial que caracteriza alguns personagens.

No que diz respeito à *opção de tradução do título* para *An invincible memory*, pode-se perceber a intenção de acentuar a questão da memória coletiva. De acordo com Olivieri-Godet (2004, p.6):

Ao traduzir *Viva o Povo Brasileiro* para o inglês, João Ubaldo preteriu uma tradução literal por um título que denota a vitalidade da memória como garantia do processo de transmissão de saberes de uma comunidade: *An Invincible Memory*. Esse título acentua a força da reprodução do imaginário popular através do tempo, e alude mais claramente à noção de conflito, a partir da qual o romance se constrói.

Um título que se propõe a desvendar os mistérios de uma terra considerada, ainda por muitos, como exótica pode tornar-se mais atraente ao público leitor. Talvez por esse motivo, houve o interesse em destacar no título a ideia de que o livro foi escrito a partir das histórias, lendas e “causos” narrados pela “memória coletiva” do povo (Camargo & Pavan Ribeiro, 2005). Nesse sentido, parece evidenciar-se, a partir do título, certa tendência da parte do autotradutor

para normalizar o próprio texto, a fim de buscar uma maior aceitação do leitor da língua e cultura de chegada.

Com referência ao *comprimento das sentenças do TT* em relação ao TO, as estruturas da língua portuguesa apresentam-se, geralmente, mais longas que as da língua inglesa, o que levaria a supor que, na tradução entre esses pares de línguas, o texto em inglês seria mais curto. No entanto, o TT tende, independentemente do par linguístico envolvido, a ser mais extenso do que o TO em razão das inserções de diferentes formas de explicitações tanto na modalidade da tradução literária como da tradução especializada (Baker, 1996).

Com relação à obra literária, podem ocorrer *mudanças na pontuação*. De acordo com Larbaud (2001, p.225), “em poesia e em prosa literária, esses sinais, tanto quanto as palavras, estão submetidos ao arbítrio do escritor, e existe uma pontuação literária ao lado da pontuação corrente, assim como existe uma língua literária ao lado da linguagem escrita corrente”. A obra original selecionada para análise apresenta parágrafos extensos, formados, em sua maioria, por sentenças de comprimento médio ou longo, com grande utilização de vírgula, ponto e vírgula e travessão. Esse uso da pontuação contribui para o fluxo do desenvolvimento da narrativa. O autotradutor procura seguir a pontuação do TO, não recorrendo a quebras de parágrafos; todavia, o TT também apresenta as sentenças dos diálogos, algumas vezes, mais curtas pelo uso do ponto final ou do ponto e vírgula, provavelmente procurando tornar a leitura mais fácil para o leitor da LC. No segmento do TT, a seguir, podemos notar o uso de uma pontuação mais “forte”, além do habitual emprego de aspas para os diálogos escritos em língua inglesa:

[VPB, p.227] – Pois é – pensou Amleto, deixando à varanda para ir tomar café –, a verdade é que estou em paz com minha consciência, nunca fiz mal a ninguém, sou um homem prestante.

[IM, p.166] “*That’s right,*” Amleto thought, leaving the porch to go have his break-fast. “*The truth is I am at peace with my conscience. I never did anyone any harm; I am a worthy man.*”

Quanto a *explicitações de elipses*, ocorrem quando elementos implícitos no TO, em razão de citações anteriores ou subentendidas pelo contexto, tornam-se explícitos no TT, a fim evitar estranhamento ou facilitar a compreensão do TT. Geralmente as explicitações de elipses contribuem de modo significativo para aumentar o comprimento das sentenças do TT. Podemos observar a explicitação de duas elipses (sublinhadas) no fragmento traduzido:

[VPB, p.78, 38 palavras] – Furria só se for que nem a minha, que fui furriada de promessa e as pernas já mal andava, depois de criar no peito quase que toda a família, do bisavô ao bisneto, na Armação e no Engenho.

[IM, p.54, 47 palavras] “*Only if it is like my mancipation. I was mancipated because of a promise to a saint, and my legs could hardly walk after raising on my breast almost the whole family of the baron from great-grandfather to great-grandson, at the fishery and at the sugar mill.*”

No tocante à *omissão*, pode ser, segundo Scott (1998), um recurso para manipular dados e evitar redundâncias, omitir termos explicativos contidos no TO que possam parecer desnecessários. Algumas vezes, a omissão da reiteração poderia resultar em perda de efeito estético:

[VPB, p.22] – Vota – falou o preto, com o mesmo sorriso assustador. – **Sim, vota.**

[IM, p.14] “*Gobah.*” *The black spoke with the same frightening smile.* (omitido)

No que tange a *mudanças de registro*, em *Viva o povo brasileiro*, João Ubaldo insere traços da linguagem coloquial na fala de personagens, conferindo maior naturalidade aos diálogos. Em *An invincible memory*, o autotradutor usa a grafia das palavras para remeter aos sons principalmente das falas dos personagens negros. A seguir, encontram-se exemplos de normalização da fala dos negros escrita

no TO de forma coloquial e traduzida por um registro mais formal no TT, os quais estão destacados em negrito:

[VPB, p.354] – **Podexá**, vá dormir descansado, **nós cuida, podexá**.

[IM, p.256] “**Leave it to us**; you can go to bed without a worry, *we’ll do everything; leave it to us.*”

Por sua vez, ocorrências da fala dos negros escritas no TO na forma coloquial são traduzidas, na maioria das vezes, buscando obter um registro mais informal, como em:

[VPB, p.22] – **Vota** – falou o preto, com o mesmo sorriso assustador.

[IM, p.14] “**Gobah.**” *The black spoke with the same frightening smile.*

[VPB, p.21] – **Ngmundo**.

[IM, p.14] “**Fiffynigga**”.

De acordo com Milton, as obras *Viva o povo brasileiro* e *Sargento Getúlio* são “traduzidas fluentemente para o inglês americano coloquial. *An invincible memory* contém muitas referências sobre os costumes afroamericanos. Essas referências estão geralmente em itálico, mas nunca são explicadas em notas de rodapé ou em um glossário” (Milton, 1999, p.171). A esse respeito, João Ubaldo (1990, p.3) comenta que, quando traduziu sua obra original, decidiu “não sufocar o livro com centenas de notas de rodapé”. Milton (1999, p.172) também confirma que João Ubaldo teve a intenção de facilitar a leitura do TT, dado que “[u]m texto fluente tem mais chance de ser lido do que um texto estrangeirizador e excessivamente elaborado”. Outro fator que provavelmente exerceu grande influência sobre o autotradutor é a possível exigência e interesse das editoras do livro. Milton explica que as edições inglesas de *Sargento Getúlio* não es-

clarecem de que se trata de uma tradução, provavelmente com a finalidade de não deixar transparecer que a obra seja estrangeira. Já em *An invincible memory*, fica claro que o próprio autor é o tradutor, o que pode levar a inferências de que o autor está expressando suas reais intenções na língua estrangeira.

Por sua vez, em pesquisa anterior desenvolvida por Camargo (2005), também foi possível identificar que o padrão estilístico do autotradutor João Ubaldo registra menor variação lexical, provavelmente procurando maior aceitação do público na cultura-alvo em relação ao padrão de maior diversidade do autor João Ubaldo diante da maior proximidade da sua obra para o público leitor brasileiro.

A respeito desse comportamento tradutório, Pym (1993) levanta duas hipóteses: a primeira refere-se ao fato de os tradutores serem, de algum modo, inerentemente mais conservadores ou menos criativos que os autores; a segunda hipótese refere-se à existência de alguma restrição cognitiva no processo tradutório. Pela primeira suposição, poderia pensar-se que os tradutores, ao serem em geral mais conservadores, utilizariam, de forma consciente ou inconsciente, traços que poderiam ser vistos pelo analista como características de maior normalização, simplificação ou explicitação. Já a “restrição cognitiva no processo tradutório” não parece ter afetado a autonomia e criatividade verificadas no TT do tradutor-autor João Ubaldo.

Outrossim, ao procurar identificar o perfil estilístico individual dos autores e dos tradutores, é importante ter em mente que o uso de padrões estilísticos, como enfatiza Sinclair (1991, p.5), ocorre dentro de textos completos, dentro de culturas e como parte de um sistema sociocultural, do qual a língua é um dos componentes. Ainda como destaca Toury (1978), no tocante a padrões apresentados pelos tradutores, decorrentes da sua competência e desempenho em contato com os TF, tais padrões estilísticos individuais são também determinados pelas normas sócio-históricas que regem o sistema da tradução literária em interação com os demais sistemas de produção textual da cultura de chegada.

À guisa de conclusão

As análises efetuadas acima parecem confirmar a opinião dos críticos literários (Costa, 1996; Gledson, 1989; Milton, 1999; Pasta Jr., 2002) e do próprio autor sobre a forte presença do homem dentro de um espaço geográfico e de um contexto sociocultural específicos, retratados em *Viva o povo brasileiro*.

Observando os resultados obtidos, podemos notar que, de um lado, o autotradutor busca preservar o seu TO; de outro lado, procura tornar a linguagem do seu TT mais fluente para o leitor de língua inglesa. Um comportamento análogo pode ser observado quanto a tendências que podem ser identificadas como traços característicos de normalização por meio do emprego de pontuação mais forte, omissões, explicitação de elipses e ocorrências de mudança do registro coloquial para uma linguagem mais formal de alguns personagens.

Outrossim, as tendências observadas na autotradução, referentes a marcas de normalização, revelam tentativas para reproduzir todo um contexto cultural que lhe é familiar, para um contexto considerado mais distante, buscando, na medida do possível, divulgar sua cultura e, no caso, sua obra. João Ubaldo Ribeiro quer ser lido e com essa finalidade escreve e traduz levando em conta as possibilidades, necessidades e expectativas do público-alvo.

Com referência ao caso particular de um autor e tradutor constituírem a mesma entidade psicofísica e, em contrapartida, na configuração situacional do ato tradutório serem diferentes os papéis, Aubert esclarece que: “entre si, *Ego* e *Alter Ego*, a rede de relações imagéticas intersubjetivas desdobra-se em dois momentos, em dois atos comunicativos distintos”, além de “os destinatários presumíveis e a motivação dificilmente serem idênticos” (Aubert, 1994, p.21-5).

Diferentemente, tradutores literários profissionais de renome, como Rabassa e Onís, a partir de textos amadeanos, e Pontiero, Levitin, Mazzara e Parris, e Lowe e Fitz, a partir de textos claricianos, traduzem, em geral, do código estrangeiro, estranho, para o código doméstico e para seus conterrâneos (Camargo, 2005). A despeito do seu invulgar talento para línguas, Ubaldo Ribeiro não é tradutor

profissional. No caso da tradução, Ubaldo Ribeiro recria a própria ficção sobre a história moral do sofrido povo brasileiro, traduzindo para uma língua estrangeira e para leitores com sensibilidades e vivência cultural distintas. Aumenta, ainda, a complexidade da sua tradução em virtude da predominância de marcadores linguísticos de especificidade cultural. Por retratarem um universo no original distante e diverso daquele da tradução, inevitavelmente se perde algo da atmosfera da narrativa mesmo que o autotradutor, com pleno domínio da LM, encontre equivalentes adequados, uma vez que os significantes são escolhidos denotativamente, em face da pouca possibilidade de aproximações conotativas. Enquanto autor, Ubaldo Ribeiro emprega expressões populares de toda extração, notadamente as relacionadas à cultura afrobrasileira. Para contrastar, na paródia, o virtuosismo retórico à linguagem oral utiliza uma gama de variações lexicais e de efeitos artísticos no TO que poderiam influenciar o padrão do TT. Todavia, a sua autotradução, como observado acima, mostra uma variação menor do que o original. Em razão do seu invejável domínio da LC, os resultados poderiam levar à suposição de que os desafios durante o processo de recriação do TT enfrentados como tradutor-autor poderiam ter sido eventualmente maiores do que aqueles durante o processo anterior de criação do TO como autor. Outra hipótese seria a de que, enquanto participante como tradutor de si mesmo, recorreria a um padrão estilístico próprio, distintivo e preferencial, o qual seria, consciente ou inconscientemente, menos variado do que na situação de participante como autor, em que apresentaria uma diversidade maior de padrões de estilo e efeitos estéticos.

Mostra-se importante destacar que o tipo de investigação desenvolvido para o presente trabalho, por constituir-se de um estudo exploratório, não permite generalizações definitivas sobre a variabilidade de padrões estilísticos da tradução literária. Todavia, os resultados alcançados revelaram ser possível identificar questões de estilo e traços típicos de normalização, tendo permitido fazer inferências que, nesse caso, evidenciaram aproximações e afastamentos a respeito de características da tradução literária, notadamente

da autotradução de João Ubaldo Ribeiro em relação à respectiva obra original.

Já em termos de estratégias facilitadoras para tornar o texto traduzido mais fluente e de mais fácil compreensão para o leitor, na direção português \Rightarrow inglês, poderíamos supor a adoção de uma tradução mais “domesticadora” (Venuti, 1995, 1998) em virtude da maior dificuldade de recepção da literatura brasileira traduzida na cultura norte-americana e de injunções de seu mercado livreiro.

Outrossim, este trabalho procurou mostrar que uma investigação do estilo individual do tradutor literário, é, em princípio, exequível e interessante. Dado que os teóricos da área têm demonstrado objetivamente que a tradução é uma atividade que envolve criação e não apenas reprodução, tornam-se relevantes investigações realizadas sob a ótica do tradutor, ao invés da verificação de o estilo do autor ter sido adequadamente ou não transposto na tradução. Em sendo uma atividade criadora e criativa, então, em algumas partes ao longo do novo texto o tradutor deixa suas marcas individuais, distintivas e preferenciais. A dificuldade, contudo, reside no desenvolvimento de uma metodologia coerente para investigar tais marcas, e também distinguir o que é próprio de cada um dos dois “autores”, dos dois textos, das duas línguas/culturas envolvidas.

Referências bibliográficas

- AUBERT, F. H. *As (In)Fidelidades da tradução: servidões e autonomia do tradutor*. Campinas: Editora da Unicamp, 1994.
- BAKER, M. Corpus linguistics and translation studies: implications and applications. In: BAKER, M.; FRANCIS, G.; TOGNINI-BONELLI, E. (Ed.) *Text and technology: in honour of John Sinclair*. Amsterdam: John Benjamins, 1993. p.233-50.
- _____. Corpora in translation studies: an overview and some suggestions for future research. *Target*, v.7, n.2, p.223-43, 1995.
- _____. Corpus-based translation studies: the challenges that lie ahead In: SOMERS, H. (Ed.) *Terminology, LSP and translation studies in*

- language engineering*: in honour of Juan C. Sager. Amsterdam: John Benjamins, 1996. p.175-86.
- _____. Towards a methodology for investigating the style of a literary translator. *Target*. v.12, n.2, p.241-66, 2000.
- BERBER SARDINHA, A. P. Corpora eletrônicos na pesquisa em tradução. *Cadernos de Tradução*, v.9, n.1, p.15-60, 2002.
- CAMARGO, D. C. *Padrões de estilo de tradutores*: um estudo de semelhanças e diferenças em corpora de traduções literárias, especializadas e juramentadas. São José do Rio Preto, 2005. 512f. Tese (Livro-Docência em Estudos da Tradução) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.
- _____. *Metodologia da pesquisa em tradução e lingüística de corpus*. São Paulo: Cultura Acadêmica; São José do Rio Preto: Laboratório Editorial do Ibilce, Unesp, 2007. 65p. (Coleção Brochuras).
- _____. Diferenças estilísticas entre o autor e o autotradutor em *Viva o povo brasileiro* e *An invincible memory*. *Estudos Linguísticos*, v.37, p.135-43, 2008.
- CAMARGO, D. C.; PAVAN RIBEIRO, E. L. Um estudo de aspectos linguísticos-culturais da obra traduzida *An invincible memory*. In: CONGRESSO IBERO-AMERICANO DE TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO (CIATI), 3, 2004, São Paulo. *Anais...* São Paulo: Centro Universitário Ibero-Americano, 2004, v.1, p.1-9.
- _____. Um estudo de tradução baseado em corpus da obra traduzida *An Invincible Memory* de João Ubaldo Ribeiro. *Estudos Linguísticos*. Campinas: Unicamp/GEL, v.34, p.1355-60, 2005.
- COSTA, L. A. João Ubaldo Ribeiro, tradutor de si mesmo. In: ENCONTRO NACIONAL DE TRADUTORES, 5, 1994, Salvador. *Anais...* São Paulo: Humanitas, 1996, p.181-90.
- GLEDSON, J. The book of the brotherhood: João Ubaldo Ribeiro – *An Invincible Memory*. *The Time Literary Supplement*. Latin America – fiction, p.1088, 6-2/out., 1989.
- HERMANS, T. The translator's voice in translated narrative. *Target*, v.8, n.1, p.23-48, 1996.
- HOKENSON, J. W.; MUNSON, M. *The bilingual text: history and theory of literary self-translation*. Manchester: St. Jerome, 2007.
- HOUSE, J. *Translation quality assessment: a model revisited*. Tübingen: Gunter Narr, 1977/1981, 1997.

- KENNY, D. *Lexis and creativity in translation: a corpus-based study*. Manchester: St. Jerome, 2001.
- LARBAUD, V. *Sob a invocação de São Jerônimo*. Trad. Joana Angélica. São Paulo: Mandarim, 2001.
- LEECH, G.; SHORT, M. H. *Style in fiction: A linguistic introduction to English fictional prose*. Harlow: Longman, 1981.
- MILTON, J. Translating Latin America. In: MARTINS, M. A. P. (Org.) *Tradução e multidisciplinaridade*. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999. p.15-34.
- OLIVIERI-GODET, R. Memória, história e ficção em *Viva o povo brasileiro* de João Ubaldo Ribeiro. 2004. Disponível em: <http://www.geocities.com/ail_br/memoriahistoriaficcaoemviva.html>. Acesso em: jun./2009.
- PASTA JÚNIOR, J. A. Prodígios de ambivalência: notas sobre João Ubaldo Ribeiro. *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo, v.64, p.61-71, 2002.
- PAVAN RIBEIRO, E. L. *Um estudo de marcadores culturais da obra traduzida An invincible memory pelo autotradutor João Ubaldo Ribeiro*. São José do Rio Preto, 2006. 155f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.
- PYM, A. *Epistemological problems in translation and its teaching*. Calaceit: Edition Caminade, 1993.
- SCOTT, M. N. *Normalisation and Reader's Expectation: A study of literary translation with reference to Lispector's A hora da estrela*. Liverpool, 1998. 319f. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – University of Liverpool.
- SINCLAIR, J. *Corpus, concordance, collocation*. Hong Kong: Oxford University Press, 1991.
- TOURY, G. The nature and role of norms in literary translation. In: HOLMES, J. S. et al. *Literature and translation*. Leuven: ACCO, 1978. p.83-100.
- UBALDO RIBEIRO, J. *Sargento Getúlio*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.
- _____. *Sargeant Getúlio*. Trad. João Ubaldo Ribeiro. Boston: Houghton Mifflin, 1978.
- _____. *Vila Real*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979.
- _____. *Sargento Getúlio*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

- _____. *Viva o povo brasileiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- _____. *A vida é um eterno amanhã*. 1990. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/cads/34/joao2.htm>>. Acesso em: jun. 2009.
- _____. *An invincible memory*. Trad. João Ubaldo Ribeiro. New York: Harpercollins, 1991.
- VENUTI, L. *The translator's invisibility*. London; New York: Routledge, 1995.
- _____. *The scandals of translation*. London; New York: Routledge, 1998.